



**CENTRO UNIVERSITARIO UNIFAMETRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LUANA KARULINE RODRIGUES DOS SANTOS

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS NA PERSPECTIVA MASCULINA

**FORTALEZA-CE
2020**

LUANA KARULINE RODRIGUES DOS SANTOS

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS NA PERSPECTIVA MASCULINA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

FORTALEZA

2020

LUANA KARULINE RODRIGUES DOS SANTOS

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS NA PERSPECTIVA MASCULINA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro (Unifametro) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Fortaleza, 19 de Junho de 2020.

Data da aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida
Centro Universitário Fametro

Prof. Dra. Letícia Décimo Flesch
Centro Universitário Fametro

Prof. M.^a Aline Duarte Gadelha
Centro Universitário Fametro

S237r Santos, Luana Karuline Rodrigues dos.
Relacionamentos abusivos na perspectiva masculina. / Luana Karuline Rodrigues dos Santos. –
Fortaleza, 2020.
34 f. ; 30 cm.

Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

1. Relacionamento abusivo. 2. Homens - Violência. 3. Homens - Psicologia. I. Título.

RESUMO

Os relacionamentos abusivos podem ocorrer nas diversas categorias de interações entre pessoas. Este estudo tem como foco principal a relação abusiva nos relacionamentos que envolvem o vínculo afetivo. Segundo os estudos, a mulher é mais suscetível a manter-se nesta relação e o homem geralmente é apontado como perpetrador. Este trabalho apresenta uma análise da perspectiva de homens sobre relações abusivas contra a mulher e visa identificar as noções que ambos os sexos têm do relacionamento abusivo e a compreensão dos aspectos que desencadeiam a consciência de que estão neste relacionamento. A pesquisa é baseada na revisão integrativa da literatura científica, contando com uma amostra de vinte e oito artigos, obtidos pelos critérios estabelecidos e dividido em três capítulos que perpassam a masculinidade e suas relações com o patriarcado e o gênero, a crise da masculinidade, o masculino e a violência. A partir dos resultados podemos concluir que os relacionamentos abusivos estão permeados de romantismo e são percebidos como naturais e intrínsecos à constituição do homem. Também conclui-se que se trata de uma temática pouco abordada e que há necessidade de mais pesquisas sobre o assunto.

Palavras-chaves: Relacionamento abusivo. Masculinidade. Violência.

ABSTRACT

Abusive relationships can occur in various categories of interactions between people. This study has as focus the abusive relationship in relationships that involve affective bonds. According to studies, women are more susceptible to staying in this relationship, and men are generally appointed as perpetrators. This paper presents an analysis of the perspective of men on abusive relationships against women and aims to identify the notions that both sexes have of the abusive relationship and the understanding of the aspects that trigger the awareness that they are in this relationship. The research is based on an integrative review of the scientific literature, with a sample of twenty-eight articles, obtained by the established criteria and divided into three chapters that encompass masculinity and its relations with patriarchy and gender, the crisis of masculinity and the male and violence. From the results, we can conclude that abusive relationships are permeated with romanticism and are perceived as natural and intrinsic to the constitution of man. It is also concluded that this is a topic that has not been addressed much and that there is a need for further research on the subject.

Descriptors: Abusive relationship. Masculinity. Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2METODOLOGIA.....	12
2.1 Tipo de pesquisa	12
2.2 Bases Indexadoras.....	12
2.3 Critérios de Inclusão.....	12
2.4 Critérios de Exclusão.....	13
2.5 Procedimento.....	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
3.1 Masculinidade, patriarcado e gênero.....	20
3.2 Crise da masculinidade.....	22
3.3 O masculino e a violência.....	24
4CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1INTRODUÇÃO

Entende-se por relacionamentos abusivos, “Jogos e disputas de força do dominador sobre o dominado”, como o controle sobre o “corpo e a mente de outrem” e o domínio sobre espaços, limites e fronteiras íntimas(BARRETO, 2018, p. 145). Segundo Pessoa (2019), há nesta relação um desejo de posse e controle no qual o dominado coloca-se em segundo plano e passa a obedecer o outro com o intuito de satisfazer-lhe.

Os relacionamentos abusivos prevalecem nas relações amorosas, no qual a vítima possui vínculo afetivo com o agressor, as mulheres são mais suscetíveis e sendo assim, propensas a manterem-se em uma relação de dominação, isso pode acontecer no âmbito profissional, nas relações familiares, nos laços de amizade, etc.(BARRETTO, 2018).

Essas relações geralmente iniciam com aparência de cuidado e de carinho, quando se esgotam os supostos cuidados e o abusador não consegue manter a vítima sob controle, ele utiliza-se de meios mais violentos (BARRETTO, 2018).

Os relacionamentos abusivos são compostos por ciclos. A Cartilha de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (2005) e os autores: Albertim e Martins (2018) “referem-se à primeira fase como a “construção da tensão””, nesse ciclo o relacionamento inicia com aparente perfeição, principiando com promessas de amor e um futuro de realizações.

Com a continuidade do relacionamento, os ciúmes e os sentimentos de posse vão sendo reforçados, até chegar o momento em que um indivíduo passa a exercer domínio sobre o outro, esses momentos são permeados por manifestações súbitas de agressões, sendo nessa fase, verbais, quando atinge o clímax, torna-se violência psicológica (BRASIL, 2005).

A segunda fase é nominada de “explosão da violência”, nesse estágio a agressão se reformula, deixando de ser apenas verbal, incorporando também a agressão física:

A segunda fase é marcada por agressões agudas, quando a tensão atinge seu ponto máximo e acontecem os ataques mais graves. A relação se torna inadministrável e tudo se transforma em descontrole e destruição. Algumas vezes a mulher percebe a aproximação da segunda fase e acaba provocando os incidentes violentos, por não suportar mais o medo, a raiva e a ansiedade (BRASIL, 2005, p. 24).

Nessa fase a violência “se apresenta em forma de espancamentos, murros, chutes, é o momento em que as agressões atingem níveis elevados, no entanto, é considerado de curta duração” (ALBERTIM; MARTINS,2018, p. 4), conseqüentemente vem a terceira e última fase do ciclo,denominada “lua de mel”.

Após o ápice da violência, se configura o discurso de arrependimento e as promessas de mudanças, segundo a Cartilha de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (2005, p. 25):

Terminado o período da violência física, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira. Ele pode prometer qualquer coisa, implorar por perdão, comprar presentes para a parceira e demonstrar efusivamente sua culpa e sua paixão. Jura que jamais voltará a agir de forma violenta. Ele será novamente o homem por quem um dia ela se apaixonou.

O agressor, nessa fase, pode transferir a culpa da agressão para a vítima, objetivando a permanência da mesma no relacionamento (BARRETO, 2018). Como um círculo vicioso, as etapas se repetem, até que a vítima se conscientize da violência que sofre (BARRETO, 2018;ALBERTIM; MARTINS,2018).

O Núcleo Institucional de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM) destaca 10 sinais para um relacionamento deixar de ser saudável e tornar-se abusivo (2018, p. 20):

1. Seu parceiro já te proibiu de frequentar algum lugar. Seja bar, academia ou algum curso.
2. Seu parceiro não te proibiu, mas fez chantagem emocional para que você se sentisse culpada, caso fizesse aquilo.
3. Durante as brigas, ele(a) acabava jogando a culpa para você e no final de tudo você sempre acabava pedindo desculpas.
- 4.Fez você pensar que sua felicidade dependia dele(a).
- 5.Seu parceiro tentou te afastar de pessoas que você gosta.
- 6.Seu parceiro te proibiu de falar e manter contato com alguém.
7. Seu parceiro te proibiu de postar algum tipo de foto.
8. Seu parceiro te proibiu de dançar sem ele(a).
9. Tem ciúmes exagerado e se exalta em discussões.
- 10.Já tentou te diminuir em alguma situação.

É longo o período entre os primeiros sinais até o indivíduo perceber que está sendo vítima de violência, representando a primeira dificuldade para sair dessa relação. “A manutenção desses relacionamentos está vinculada à sociedade patriarcal” que assegura a ideia de dominação do homem, sendo naturalizada, “o que não permite que se perceba estar sendo violentada”. São pequenas ações que passam despercebidas, como por exemplo, o ciúme confundido com amor, interferência nas roupas, nas amizades, na questão financeira, dentre outros (BARRETTO, 2018, p. 148).

Pinto (2018) apontou as seguintes razões para a saída de um relacionamento abusivo como: autonomia financeira, segurança e a percepção de crescimento pessoal e autoestima.

Entre os motivos para a permanência de mulheres nestes relacionamentos, está também a dependência econômica e emocional, a capacidade que o agressor tem de isolar a parceira do seu ciclo social e inferiorizá-la, e por vezes está vinculada à ideia de mudança do parceiro, como Barretto (2018) descreve:

É comum os abusadores prometerem mudanças tanto no comportamento que apresentam (agressivo, possessivo, extremamente ciumento, violento, explosivo), quanto no relacionamento como um todo. O abusado pode estar ciente do relacionamento abusivo, mas, geralmente há a crença de que o parceiro irá mudar. O abusador por sua vez costuma alternar o seu comportamento: em dado momento é descrito como romântico, sensível, preocupado e em outro se torna irreconhecível.

À vista disso, os ciclos se repetem, os resultados do estudo realizado por Silva, Neto, Filho (2009), sobre maus tratos na infância de 170 mulheres vítimas de violência, mostrou que 40% das vítimas presenciaram algum tipo de violência na infância, 60% presenciaram o pai sendo o perpetrador da violência.

Conforme esse mesmo estudo, mulheres que vivenciaram algum tipo de violência na infância estão mais passíveis de tornar a vivenciar agressões por parte dos parceiros, existe a possibilidade de uma difusão transgeracional (SILVA, NETO, FILHO, 2009).

Em 2018, o Núcleo Institucional de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (NUDEM) realizou uma pesquisa com 580 mulheres, chegando à conclusão que 79%

delas já viveram em relacionamentos abusivos, 20% das mulheres que participaram da pesquisa, já viveram esse tipo de relacionamento por mais de uma vez.

Nos detalhes da pesquisa (NUDEM, 2018, P. 21):

13,3% perceberam que o relacionamento era abusivo, mas acreditavam que o parceiro(a) mudaria.

9,8% perceberam os abusos, mas gostavam muito da pessoa para terminar.

15,2% ainda tem dúvidas se vivem ou viveram um relacionamento abusivo.

29,3% demoraram a perceber os abusos.

32,4% demoraram a perceber que o relacionamento era abusivo, mesmo com alertas de amigos.

Em 78% das vítimas foram agredidas verbalmente.

79% sentiam raiva de si própria por gostar da pessoa.

94% já pediram desculpas e se sentiram culpadas por algo que acreditavam não ter culpa.

30% dos casos houve agressão física.

Em pesquisa feita pelo Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), a violência contra a mulher aumentou 13% no ano de 2019 em relação ao ano de 2018. A Organização Mundial da Saúde (OMS) revela que o Brasil é o 7º país com mais violência perpetrada à mulher, e, de acordo com a pesquisa feita pelo Instituto Datafolha (2019) a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, aponta que nos últimos 12 meses, uma em cada quatro brasileiras sofreram algum tipo de violência.

De acordo com a Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará (2019, p.1):

São os ex-companheiros e os cônjuges, com 47% e 36%, respectivamente, os responsáveis pela agressão e, em 42% dos casos, eles já vivenciaram situação de violência na infância. A estatística sobre o perfil do agressor se mantém nas pesquisas anteriores, em 2018, 44,5% e em 2017, 46,84% eram ex-companheiros. Além disso, em 60% dos casos, a violência acontece em ambos os espaços (público e doméstico) e os principais fatores que potencializam são: o ciúmes, uso de álcool e drogas, traição e a separação.

Ainda no século XXI, com todas as contribuições da política, da ciência e dos meios de comunicação, a mulher é vista como objeto, como propriedade e como

inferior, através da concepção que se tem de feminino e masculino, fomentada pela cultura e marcada pelo patriarcalismo. Poder, gênero e violência estão entrelaçados, visando à ação de subordinador e subordinado, fazendo o homem se ver como protagonista dominando a mulher (SANTOS, 2019). Diante da exposição do assunto, fica a problemática: qual a perspectiva de homens sobre relação abusiva contra a mulher?

Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar as perspectivas dos homens acerca da relação abusiva contra a mulher. Os objetivos específicos visam Identificar as noções de relacionamento abusivo nos contextos de gênero feminino e masculino e compreender aspectos que suscitam a consciência de que estão em um relacionamento abusivo.

O interesse pela temática surgiu a partir da observação do crescimento de casos expostos pela mídia e das aulas envolvendo a temática. Assim, esse estudo contribuirá para melhorar as ações voltadas à proteção das mulheres, vítimas deste tipo de violência, com mais intervenções voltadas para o público masculino.

2METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica. Esse tipo de estudo objetiva, por meio de uma metodologia sistemática de busca, seleção e análise, descrever a produção científica acerca de uma temática, destacando o estado da arte e apresentando as possibilidades de futuras investigações. Trata-se de empreender uma leitura crítica da literatura científica, na qual são identificados e selecionados estudos com rigor e método científico, com o propósito de analisá-los para que se possa delinear um perfil dos estudos publicados, contribuindo para a discussão sobre os resultados de pesquisa e para o desenvolvimento de pesquisas futuras. A revisão integrativa é um tipo de revisão sistemática que comporta tanto uma dimensão de categorização, de caráter descritivo, como uma faceta de análise crítica, que aponta as tendências consolidadas, bem como as lacunas e necessidades de investigação ainda não suficientemente contempladas (Scorsolini-Comin, 2014). O problema investigado foi: “Como é a perspectiva de homens sobre os relacionamentos abusivos?”.

2.2 Bases Indexadoras

Este estudo envolveu uma busca sistemática nos seguintes indexadores eletrônicos: SciELO, BVS E PSICOINFO. Os descritores utilizados foram: “homem e relacionamento abusivo”, “masculino e relacionamento abusivo”, “violência e masculino”, “homem e violência” e seus correspondentes em espanhol. Foram realizados os cruzamentos possibilitados pela combinação dos termos utilizados, a partir do operador booleano “and”.

2.3 Critérios de Inclusão

Os critérios estabelecidos para a inclusão dos estudos foram: (a) artigos indexados; (b) redigidos nos idiomas português ou espanhol; (c) publicados no período entre 2006 e 2020; (d) com temática pertinente ao objetivo da revisão. A seleção apenas de artigos indexados visou a cotejar produções que passam, necessariamente, por um processo de avaliação por pares, com rigoroso controle de qualidade. A adoção desse critério baseou-se em outras revisões, com semelhante

grau de rigor, que indicaram a necessidade de se tomar tal cuidado como balizador da condição de produção científica em dado período (Scorsolini-Comin, 2014).

Os artigos publicados entre 2006 e 2020 visaram a importância de estudar a partir deste período se dar por ter sido no ano de 2006 sancionada a lei N° 11.340, que institucionaliza a proteção à mulher vítima de violência, e apontar possíveis lacunas e aberturas para novos estudos. Não foram feitas restrições em relação ao tipo de delineamento metodológico (estudos teóricos, empíricos, de revisão, estudos de caso ou outros), nem em relação às abordagens teóricas ou as áreas nas quais as pesquisas foram desenvolvidas.

2.4 Critérios de Exclusão

Os critérios de exclusão utilizados foram livros, capítulos de livro, resenhas, cartas, notícias, resumos, anais de congressos, editoriais, dissertações e teses. Outro critério utilizado foi a temática central distanciada do objetivo da revisão e por último foi excluído os artigos publicados no período anterior a 2006.

2.5 Procedimento

O levantamento bibliográfico ocorreu em abril de 2020. Em um primeiro momento, foi realizada uma leitura minuciosa dos resumos encontrados a partir dos termos utilizados e da combinação dos mesmos, excluindo-se os artigos que não se enquadravam nos critérios de inclusão elencados e contabilizando uma única vez os registros repetidos. Após uma primeira seleção realizada pelo exame dos resumos, os estudos selecionados foram recuperados, examinados e lidos na íntegra. Posteriormente, em função da maior ou menor proximidade com o tema de interesse, uma nova seleção foi realizada, restringindo-se a revisão apenas aos artigos diretamente relacionados aos relacionamentos abusivos na perspectiva de homens. Foram incorporadas à revisão apenas as publicações recuperadas nessa última seleção, que constituíram o corpus de análise do presente estudo.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

Foram selecionados, recuperados e analisados na íntegra 28 artigos, remanescentes após rigorosa seleção inicial, guiada pelo uso de unitermos e pela aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão. Esses artigos, após merecerem análise criteriosa, foram categorizados por temas principais, compondo o corpus da revisão. Essa categorização favoreceu a reflexão crítica sobre as dimensões cruciais que caracterizam o estado da arte acerca da temática. A base na qual foi identificado o maior número de artigos foram: SciELO, com treze artigos, sendo três deles em espanhol e BVS, com quinze artigos, foi feita pesquisa na base de dados PsicolInfo mas não foi encontrado dados em nenhum dos descritores mencionados. Dos artigos encontrados e recuperados, 25 são de autores nacionais, sendo três publicados em espanhol; um deles tem origem na Colômbia, outro no Chile e um no México. Não houve repetição de autoria entre os artigos revisados.

Tabela 1

Distribuição dos Artigos Recuperados Segundo a Base Indexadora, Ano de Publicação, Autores e País de Origem (N = 28).

Base indexadora	Publicação	País de origem	Autores
BVS	2010	BRASIL	Pedro e Guedes
BVS	2014	BRASIL	Nader e Caminoti
BVS	2010	BRASIL	Lima
BVS	2014	BRASIL	Morgante e Nader
BVS	2019	BRASIL	Morais e Filho
BVS	2010	BRASIL	Santos
BVS	2020	BRASIL	Neto, Firmino e Paulino
BVS	2007	BRASIL	Siqueira
BVS	2015	BRASIL	Mistura
BVS	2015	BRASIL	Acosta, et al
BVS	2018	BRASIL	Moura e Cardoso
BVS	2014	BRASIL	Silva, Coelho e Njaine
BVS	2016	BRASIL	Gomes
BVS	2019	BRASIL	Santos, et al
SCIELO	2005	BRASIL	Alves Diniz
SCIELO	2007	BRASIL	Njaine, Assis e Constantino
SCIELO	2018	BRASIL	Brilhante, et al
SCIELO	2019	MEXICO	Fonseca

SCIELO	2017	COLOMBIA	Ayala
SCIELO	2008	BRASIL	Rosa
SCIELO	2018	BRASIL	Gomes
SCIELO	2016	CHILE	Echeburúa e Amor
SCIELO	2016	BRASIL	Cecchetto, et al
SCIELO	2015	BRASIL	Souza
SCIELO	2013	BRASIL	Ramos
SCIELO	2010	LISBOA	Rabelo
SCIELO	2011	BRASIL	Eccel e Grisci

No que tange aos marcos teóricos privilegiados pelos estudos revisados, predominaram referenciais relacionados à Gênero, Masculinidade, Violência e Mulher. Com relação ao tipo de estudo, dos 27 artigos recuperados, nove eram de natureza teórica e discutiam questões referentes à Masculinidade, patriarcado e gênero, seis dos artigos também de natureza teórica, com discussões sobre a crise da masculinidade e doze artigos de naturezas teóricas e empíricas fundamentando questões sobre violências e masculinidade.

Tabela 2 Distribuição dos Artigos Recuperados, Destacando-se Autores, Objetivos, Tipo de Estudo, Principais Resultados e Conclusões Obtidas (N =27)

Autores	Objetivos	Tipo de estudo	Resultados	Conclusões
Pedro e Guedes 2010	Reflexão sobre aspectos históricos da naturalização do poder dos homens sobre as mulheres na cultura ocidental.	Teórico	Sinaliza aspectos dessa naturalização em períodos diferentes e mostra a importância da construção do conceito de gênero para evidenciar que este poder figura como construção social	Mostra que, este conceito é uma conquista do movimento feminista, situa este movimento como expressão do protagonismo social das mulheres e sinaliza a conquistas legais que advém desse protagonismo.
Nader e Caminoti, 2014	Esboçar algumas idéias acerca da construção da masculinidade nos homens e sua intrínseca relação com o poder, sobretudo aquele	Teórico	Sobre o sexo biológico são criadas demandas culturais que indicam os papéis que devem ser desempenhados pelos gêneros masculino e	As relações de gênero não ocorrem de maneira igualitárias e simétricas. Elas são permeadas por relações de poder e dominação dos homens sobre as mulheres.

	exercido cotidianamente pelos homens na esfera doméstica.		feminino, bem como a relação que serão estabelecidas entre eles.	
Lima 2010	Analisa a eficácia da lei frente a violência contra a mulher.	Teórico	Apesar da existência de uma rede social de apoio as vítimas, essa ainda não é dá de forma articulada	Foram encontrados limites para a aplicação da Lei
Alves, Diniz 2005	Analisar a violência conjugal a partir das representações masculinas	Teórico	Observamos que os sujeitos apóiam-se no processo de socialização do homem e da mulher, para definirem seus modos de ser na relação conjugal.	A inadequação da mulher ao seu papel social são apontados como explicação para a ocorrência na relação conjugal.
Njaine, Assis e Constanti 2007	Analisar a violência na fase adulta da vida, a partir de uma perspectiva de gênero.	Teórico	Considerar fatores culturais promove a incorporação de práticas que levem à reflexão sobre valores e ao que eles geram em termos de condutas.	Nesse sentido, refletir sobre os valores do patriarcado tem-se mostrado potente instrumento de transformação.
Brilhante, et al 2018	Compreender a construção e as modificações da identidade de gênero masculina na Região Nordeste, com base no estudo das letras de forró	Teórico	Pode-se apreender que a identidade cultural do nordestino foi historicamente consolidada nos princípios patriarcais.	Ressalta-se a relevância da compreensão dos símbolos culturais e de seu papel na construção das subjetividades masculinas e femininas no Nordeste brasileiro.
Morgante e Nader 2014	Realizar um esclarecimento do conceito patriarcado nos estudos feministas.	Teórico	Existem autores que refutam o uso do termo patriarcado, outros usam de forma adjetiva e outros de forma substantiva.	Não há nenhum bom motivo para se abandonar os termos patriarcado, patriarcal e patriarcalismo. Abandonar o conceito significaria a perda de uma história política.
Fonseca 2014	Identificar los mecanismos que contribuyen a la construcción del amor romántico.	Teórico	El amor Romántico dista mucho de un modelo equitativo de amor, se ve atravesado por los conceptos de género.	El amor romántico cumple su función en el patriarcado, concretándose em um sistema desigual.
Morais e Filho 2019	Analisar as definições de masculinidade em formulações de	Teórico	Os homens, em seus relatos, teriam diferentes atributos, dentre eles a despreocupação com a	Foram identificadas diferentes formas de definir a masculinidade.

	profissionais de saúde da Atenção Primária		saúde, e tais atributos seriam fundamentalmente determinados por fatores socioculturais.	
Ayala 2017	Reflexión sobre la importancia ética de impulsar una crítica de las masculinidades,	Teórico	las transformaciones de género dadas en la vida contemporánea han generado una crisis de lo masculino.	una crisis de lo masculino que puede llevar a un cambio airmativo, y que también amenaza con recrudecer violencias de género en distintos ámbitos
Rosa 2008	analisa o mal-estar masculino no mundo contemporâneo a partir de Freud e Lacan	Teórico	Esse mal-estar é associado a uma crise de identidade devida ao vacilo das representações	Com o declínio do pai na constituição da masculinidade, ocorre mudanças na concepção sobre o pai e conseqüências sobre a construção da posição masculina.
Gomes 2018	Estudar sobre as estratégias contra o feminicídio	Teórico	Debate sobre a luta feminina contra uma estrutura social de manutenção de poder.	Foi identificado estratégias de questionamentos de normas sociais opressoras.
Santos 2010	Discute o processo de desintegração do controle masculino sobre o feminino	Teórico	A crise da masculinidade é resultante não apenas da redefinição do papel da mulher na sociedade atual, mas também das transformações históricas ocorridas.	Reflexão sobre o ideal masculino construído sob a égide supostamente inabalável do arquétipo masculino dominador da sociedade patriarcal.
Neto, Firmino e Paulino 2020	Identificar artigos que discutem a construção do estigma em torno da masculinidade em contextos diversos, a partir do processo de interação social e das normativas de gênero.	Teórico	Houve consenso com relação à importância dos estudos feministas para o surgimento dos estudos sobre o masculino.	É importante a discussão sobre masculinidade e normas de gênero para a compreensão das relações sociais.
Siqueira 2007	Investigar como o teatro brasileiro expressa indícios de uma crise dos valores masculinos hegemônicos.	Teórico	Trataram temas pertinentes ao homem contemporâneo, oferecendo uma concepção lúcida do mundo pós- segunda guerra e de suas contradições.	O discurso masculino converge para a idéia de homem inserido no mundo contemporâneo em situações e relações sociais que não condizem com o seu quadro de referências.

Mistura 2015	Refletir sobre as contribuições relatadas pelos sujeitos da pesquisa à participação dos mesmos em um Grupo Reflexivo	Empíri co	Foi identificado mudanças em relação às suas concepções acerca da violência contra a mulher.	Evidenciou-se que os Grupos Reflexivos podem propiciar à desconstrução dos estereótipos de gênero e da masculinidade hegemônica.
Acosta, et al 2015	Identificar os motivos que desencadeiam a violência contra mulher e descrever os atos perpetrados pelo parceiro íntimo.	Empíri co	Apreenderam como desencadeadores de violência a supremacia masculina como geradora de sofrimento e submissão.	É preciso compreender esse fenômeno como problema de saúde e empenhar-se para romper os obstáculos que impedem o efetivo e eficaz atendimento, auxiliando no fortalecimento da autonomia feminina e incluindo os homens nas ações de combate e prevenção à violência contra a mulher
Moura e Cardoso 2018	Analisar as violências contra parceiros íntimos, praticadas por policiais militares.	Teóric o	Identificou-se que a maioria dos agressores tinha a faixa etária de 42 anos ou mais.	A população estudada era exclusivamente do sexo masculino e com situação de conjugalidade superior a dez anos.
Echeburú a e Amor 2018	analizarlos transtornos más relevantes y razones por las que los hombres maltratadores contra la pareja deben recibir tratamiento psicológico.	Teóric o	El tratamiento psicológico a los maltratadores es, junto con otras actuaciones judiciales y sociales, una medida <i>útil, necesaria y posible</i> .	La intervención clínica puede llevarse a cabo en un entorno comunitario, especialmente cuando la pareja sigue unida y cuando la violencia no es excesivamente grave
Cechetto, et al 2016	Apresentar visões de adolescentes do sexo masculino sobre a violência.	Empíri co	Os significados atribuídos ao fenômeno da violência são recortados por representações rígidas de papéis de gênero.	Os papéis sociais correspondem às expectativas em relação ao desempenho de homens e mulheres nas relações afetivas.
Silva, Coelho e Njaine 2014	Investigar as motivações da violência conjugal segundo o depoimento de homens e mulheres registrados nos inquéritos policiais	Empíri co	Apontou que a maioria dos casais eram separados ou divorciados e estavam desempregados.	As questões culturais de gênero e socioeconômicas estão relacionadas a violência e que os homens não reconhecem suas atitudes como violentas.
Souza 2015	Refletir sobre a condição masculina diante da violência	Empíri co	O gênero masculino é fortemente ligado a práticas machistas.	Discutir sobre gênero e violência é a via para uma cultura mais igualitária.

Ramos 2013	Apresentar uma pesquisa em intervenção em andamento, cujo trabalho segue o modelo sociodramático de intervenção com grupos.	Empíri co	Todos se dizem vítimas um do outro e aponta a agressão como estratégia de defesa e de educação dos filhos.	Preponderou a informação dos casais sobre sua união em pouco tempo de relacionamento e as fantasias individuais, não reveladas, como orientadoras da forma de comunicação que expressa a frustração mútua.
Rabelo 2010	Analisar as questões de gênero e as contribuições destes estudos para as investigações, analisando como o gênero e a masculinidade são cosntruídos.	Teóric o	O masculino e o feminino são construídos, por isso, envolvem vários aspectos, inclusive sentimentos.	A masculinidade envolve o contexto social, biológico, cultural e histórico.
Gomes 2016	A proposta de leitura do texto literário a partir da ampliação do horizonte de expectativas das formas de violência de gênero na cultura e na literatura.	Teóric o	Identifica as categorias centrais da violência, delimitando as formas de violência de gênero em torno da crise da masculinidade.	As fronteiras entre o imaginário da violência na literatura não é muito diferente dos dados sociais.
Eccel e Grisci 2016	Analisar as relações de gênero no trabalho na ótica da masculinidade.	Teóric o	O contexto organizacional atua na produção e valorização de determinados estilos de masculinidade que se tornam hegemônicos em detrimento de outros.	As análises possibilitaram a compreensão das dinâmicas da masculinidade na organização pesquisada mediante os processos de subjetivação.
Santos, et al 2019	Analisar como as construções históricas e sociais sobre o gênero influenciam na violência contra as mulheres	Teóric o	As construções históricas e sociais sobre o gênero influenciam a violência contra mulher, e com as reivindicações dos movimentos feministas, foi possibilitado a mulher conquistar seus direitos.	A violência contra as mulheres é um fenômeno complexo, envolto por muitos sentimentos, como o ciúme, o ódio, a idéia de posse do homem sobre a mulher, baseando-se em relacionamentos abusivos.

Diante da análise minuciosa dos artigos apresentados acima, a discussão dos resultados será feita em três capítulos: 1) Masculinidade, patriarcado e gênero; 2) Crise da masculinidade; e 3) O masculino e a violência.

4.1 Masculinidade, patriarcado e gênero

As ideias que se configuram pertencentes ao gênero masculino e feminino, não são inerentes aos sujeitos, não se nasce com estes ideais prontos, é um padrão de comportamentos aprendidos culturalmente e perpetuados pelo modelo patriarcal inserido na família, voltados para um homem enrijecido e que não pode demonstrar sentimentos.

Tanto homens quanto mulheres desde o nascimento são convocados a responder as expectativas sociais referentes aos ideais esperados para cada sexo e a “cultura do macho dita as regras do comportamento masculino”, “não admitindo entrar em contato com seus limites” (GARCIA, CARDOSO, BERNARDI, 2019, p.26).

Importante compreender que houve, durante muitos séculos, a construção da masculinidade tóxica, como uma identidade social composta por sentimentos, comportamentos, atitudes e posturas ditadas pelo modelo patriarcal e pela desigualdade de gênero (PEDRO; GUEDES, 2010; NADER; CAMINOTI, 2014).

Para pensar nessa masculinidade faz-se necessário entender sua constituição e sua relação particular com o poder. Nas bases da constituição do masculino está o gênero, utilizado para nomear as características que ditam o ser masculino e feminino (NADER; CAMINOTI, 2014).

A partir das diferenças biológicas naturais, o gênero encontrou bases para culturalmente criar outras diferenças, com a complexidade das relações sociais, o gênero encontrou uma forma de simplificar estas relações, delegando características e poder com diferenciações entre sexos, se tornando um estruturador dessas relações (PEDRO; GUEDES, 2010; LIMA, 2010; ALVES; DINIZ, 2005).

Apesar de que culturalmente sexo e gênero são considerados sinônimos, eles não são, enquanto sexo se refere a definições anatômicas, gênero é a “construção social, política e cultural da(s) masculinidade(s) e da(s) feminilidade(s)” que permeia as relações, sendo assim, é uma “categoria imposta sobre um corpo sexuado”, ou seja, são “atributos culturais associados ao sexo e às suas peculiaridades biológicas” (BRASIL, 2011, p. 20; NJAINE; ASSIS; CONSTANTINO, 2007, p.150; NADER; CAMINOTI, 2014).

“Aos homens são atribuídos papéis que os colocam numa posição superior à das mulheres” (NJAINÉ; ASSIS; CONSTANTINO, 2007, p.150), estes papéis tem como objetivo determinar o lugar que o indivíduo deve ocupar na sociedade, em conjunto com esse lugar estão as vantagens que o leva a cumprir esse papel distinguido como masculino (NADER; CAMINOTI, 2014).

Para que haja a perpetuação das características da masculinidade, a educação na infância entra em cena, recebendo incentivo para a reprodução desses comportamentos, ainda no período embrionário, a partir da descoberta do sexo em sua forma anatômica, já é criado um ideal do ser masculino e a sociedade de um modo geral, implícita ou explicitamente, ensina ao indivíduo tais posturas (NADER; CAMINOTI, 2014).

A construção da identidade masculina é percebida pelo próprio indivíduo que se identifica como pertencente a determinado sexo, sendo essa identidade dependente do lugar e do período histórico vivenciados pelo indivíduo (NADER; CAMINOTI, 2014).

Quando o homem descobre sua participação na gestação de um filho, começa a acumular bens e descobre com a institucionalização da família, a propriedade privada, “a sociedade passa a se denominar como patriarcado”, definindo então o lugar da mulher e do homem: “à mulher as incumbências domésticas, e concomitantemente, ao homem representação da fortaleza emocional e física e quem deve apresentar o veredicto final de qualquer decisão a ser tomada” (PEDRO; GUEDES, 2010 p 3).

O modelo patriarcal constitui a existência do ideal masculino e envolve a adoção de posturas e comportamentos considerados pela cultura como masculino, colocando-o como detentor da força e mantenedor da ordem (BRILHANTE et al, 2018).

No patriarcado a forma como o homem compreende o mundo, concentra os sexos em extrema oposição, sendo definido como um sistema de dominação, em que o homem é colocado em lugar de superioridade sobre a mulher, como componente de toda a dinâmica social e legitimado pela cultura, e que segundo Morgante e Nader (2014, p 3) está “inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” (ALVES; DINIZ, 2005).

Neste modelo o homem é enaltecido e centralizado no topo da hierarquia social, sempre sendo a referência da virilidade sexual (SANTOS, 2010). Para Fonseca (2019 p. 292), patriarcado:

Representa uma instituição complexa, que se refere a uma estrutura material e simbólica da sociedade atual, tem sido usada desde o século XIX para explicar estruturas sociais, integrando conceitos de gênero e feminismos no século XX, a fim de interpretar as relações de poder na sociedade. As posições tradicionais do patriarcado foram responsáveis por explicar as diferenças no desenvolvimento da humanidade, sustentando-a a partir de concepções genéricas.

Nesse contexto “a masculinidade é vivenciada pela desvalorização do feminino e pela supressão dos sentimentos, produzindo-se um homem sempre inflexível e agressivo” (SANTOS, 2010, p.61), então,

Estabelece-se uma relação de tensão permanente entre homens e mulheres, onde os primeiros instituem pactos simbólicos para perpetuar seu domínio sobre o público, enquanto os últimos continuam relegados ao privado, principal papel da reprodução e submissão (FLORES; BROWNE, 2017, n.p).

A masculinidade dispõe no seu alicerce “pressupostos biologizantes, socioculturais e individualizantes” (MORAIS; FILHO, 2019, n.p), resultantes do patriarcado e do gênero. Para Morais e Filho (2019, n.p) esses pressupostos:

Biologizantes pautam-se, principalmente, em elementos anatômicos e fisiológicos. Os pressupostos socioculturais versam, sobretudo, sobre um conjunto de idealizações e de papéis socioculturais que seriam próprios a cada gênero. Os pressupostos individualizantes colocam em primeiro plano a autonomia do sujeito no processo de definição de sua identidade de gênero.

Sendo assim a masculinidade se apresenta no discurso dos indivíduos, embasados nessas suposições, para explicar a busca constante de manter a hierarquia, os atributos e o poder (MORAIS; FILHO, 2019).

4.2 Crise da masculinidade

Ayala (2017, p.174), em seu artigo “A ferida masculina”, pontua que “vários estudos e perspectivas sugeriram que estamos testemunhando uma profunda crise de masculinidade”, como “mudanças sociais e culturais, [...] as formas de relações de gênero, [...] mudanças subjetivas, éticas e políticas”, tem desordenado os modos de ser homem, “a crise da identidade masculina é, ao mesmo tempo, uma crise das representações através das quais o imaginário social define o que é ser homem, podemos dizer que é uma crise das identificações” (ROSA, 2008, p.438).

Além disso, a menção de uma crise de masculinidade também alude a uma transformação sensível, uma reconfiguração de afetos e possibilidades de

perceber e assumir o mundo. Por fim, falar de uma crise de masculinidade nos confronta com a possibilidade de repensar a organização e o sentido da vida (AYALA, 2017, p.174)

O apoio que a masculinidade teve para se tornar um *modus operandi* na sociedade, passou por transformações que eclodiram na crise da masculinidade (AYALA, 2017, p.175):

A chamada crise da masculinidade gerou deslocamento e descentralização, especialmente no que diz respeito ao lugar que os homens ocupam em diferentes planos da vida. A perda desse predomínio, com todas as condições que a centralidade deu aos homens, não ocorre sem gerar profundo desconforto, perda de ansiedade, confusão com a transformação da situação que não foi causada ou dirigida por eles, além de que revelou uma série de dores e sofrimentos que foram ocultados pelas mesmas estratégias de configuração daquela forma de masculinidade que entrou em crise.

As divergências entre o ideal masculino e a realidade, são dolorosas e tendem a agravar a crise da masculinidade, “que sob essa ideia de masculinidade opressiva que domina a ordem social, há outras experiências que se tornaram invisíveis e silenciadas” (AYALA, 2017, P.176), a “concepção idealizada da virilidade”, é uma “concepção nunca realizada completamente e sempre aberta às crises de identidade” (ROSA, 2008, p.440). Mal-estar e sofrimento compõem o deslocamento da centralidade, até então outorgado ao homem (AYALA, 2017).

O processo de descentralização do lugar em que o homem foi colocado provoca uma busca incessante de reconquista, ou seja, o sujeito masculino empenha-se na “tentativa desesperada de reconquistar a honra perdida” (GOMES, 2018, p.2).

A punição do outro entra como discurso para a recuperação do poder e da honra perdidas pela crise da masculinidade, que coloca em risco a identidade masculina, em que os valores pessoais e o padrão de masculinidade cultural estão em jogo, alimentados também pelo movimento feminista (GOMES, 2018).

Com o movimento feminista, surgiram vários questionamentos sobre a hegemonia da masculinidade, e acionou outras possibilidades de manutenção de vínculos, excluindo relações baseadas no poder e controle para a “negociação de vínculos pessoais estabelecidos de forma igualitária e de total domínio e autonomia interpessoal” (SANTOS, 2010).

Este processo implica em um estranhamento, já que o “homem poucas vezes precisou fazer perguntas sobre si mesmo e o seu papel na sociedade”, “a representação de sua dominação: a virilidade é desmistificada”, então há necessidade de provar a sua masculinidade e um desses meios é a violência (SANTOS, 2010, p.63).

Mesmo com a cultura falocêntrica ainda muito presente na sociedade, funcionando como norteador de comportamentos, aos poucos os homens “procuram um reposicionamento de sua condição masculina, através da reestruturação de sua subjetividade” (SANTOS, 2010, p.63).

Assim a “noção de crise da masculinidade surge da transformação social, que influenciou nos papéis das mulheres e, também, na moral em sociedade” (NETO FIRMINO; PAULINO, 2020, p.63), instaurando assim “uma contradição entre a imagem do “macho”, tal como é representada socialmente, e as reais condições de vida dos homens” (SIQUEIRA, 2007, p.68). “O que a crise faz surgir é uma não-coincidência do sujeito consigo mesmo e com as representações com as quais a sua identidade masculina foi construída” (ROSA, 2008, p.438).

4.30 masculino e a violência

Como vimos anteriormente, o homem permeado pela cultura patriarcal, machista, sente a necessidade de provar a sua masculinidade, “a tensão entre o que se é e o que se pretende ser pode gerar a violência”, que é um dos meios utilizados para a afirmação da virilidade (MISTURA 2015, p.31).

Acosta *et al.* (2015), realizaram um estudo documental de ocorrências policiais de violência contra parceiro íntimo (VPI), nelas 75% foram praticados por homens, Moura e Cardoso (2018) em uma pesquisa com o efetivo de 91,4% de policiais militares do sexo masculino, destacou que 81,1% responderam uma vez a procedimento administrativo por VPI e 30,3% eram reincidentes.

Conforme Echeburúa e Amor (2016), “o comportamento violento é o resultado de um intenso estado emocional - raiva”, para eles (p.32):

Um homem tende a descarregar sua raiva especificamente sobre a pessoa que ele considera mais vulnerável (uma mulher) e em um ambiente (a casa)

onde é mais fácil esconder o que aconteceu. Além disso, as realizações de comportamentos violentos anteriores desempenham um papel muito importante. Muitas vezes, o homem abusivo alcançou os objetivos desejados com os comportamentos agressivos anteriores. Em outras palavras, a violência pode ser um método extremamente eficaz.

Echeburúa e Amor (2016, p.36), ainda apontam que:

A maioria dos sujeitos (74%) é violenta exclusivamente contra o casal. São pessoas que, com o parceiro, exercem um nível grave de abuso, mas adotam comportamentos apropriados no restante dos relacionamentos interpessoais. Nesses casos, frustrações diárias, abuso de álcool ou ciúmes patológicos contribuem para desencadear episódios de violência contra o parceiro.

Para colaborar, Cecchetto (2016) versa sobre os diversos fatores que resultam na violência, como a “traição, ciúmes, uso de bebidas alcoólicas e outras drogas”, nos estudos de Silva, Coelho e Njaine (2014, p.1258):

Os homens reconheceram que, de todas as situações de desentendimentos que possam ocorrer entre o casal, o ciúme e a suspeita de traição são as que mais lhes descontrolam. Estes sentimentos ferem diretamente a crença da virilidade e masculinidade, associada à violência como resposta.

A masculinidade ainda está inteiramente ligada à virilidade, competição e violência, “esse modelo hegemônico [...] tem trazido consequências” não só aos homens como as mulheres, envolvendo “as tensões e ansiedades geradas por uma identidade constantemente ameaçada e que necessita ser reforçada por meio de comportamentos reafirmadores, viris e agressivos, tornando-os agentes de violência” (SOUZA, 2015, p. 61)

A masculinidade confere ao homem o exercício de papéis que o identificam como pertencentes ao gênero socioculturalmente construído, sendo assim, estes “papéis se desenvolvem em função do gênero” (RAMOS, 2013, p.42).

A “construção da identidade masculina é um processo que é adquirido com o preço de grandes dificuldades, pois a masculinidade tem sido definida pelo «não ser»: não ser feminino”, a violência então é utilizada como meio de resposta as ações da parceira (RABELO. 2010, P. 170)

“Historicamente, a violência é guiada por normas culturais que reforçam as tênues fronteiras entre o masculino e o feminino, permanecendo o feminino atrelado ao submisso e ao normatizado” (GOMES, 2016, p.35), as violências cometidas contra a mulher estão entre os crimes mais cometidos por homens.

Gomes (2016 p. 37 e 38-43) apresenta a masculinidade como aquele que impõe “a violência como padrão de controle”, como “parte das regras de manutenção da ordem” e como uma “questão de honra masculina”.

Este modelo de masculinidade viril afeta também as mulheres, assim “elas põem em prática tais ideais, na valorização de certas masculinidades e no exercício de adaptação a que se submetem” (ECCEL, GRISCI, 2011, p. 73)

No trabalho de Eccel e Grisci (2011), elas realizaram entrevistas com mulheres no contexto organizacional, que relataram adequar o seu comportamento ao comportamento masculino, mudando inclusive a forma de se vestir, assim as mulheres se adaptam frente a cultura do masculino dominante e legitima essa masculinidade tóxica.

Em vista dos argumentos apresentados, observa-se que o ideal de virilidade e masculinidade permeia todas as esferas sociais, afetando tanto homens como mulheres, perpetuando a violência como recurso para manter a centralidade e por vezes a mulher não se vê violentada, o que só contribui para a manutenção do ciclo de violência (SANTOS et al, 2019).

As intervenções com homens perpetradores de violência são importantes para buscar a “transformação psicossocial desses homens e seus problemas sem justificar a violência que praticaram” (ANTEZANA, 2012 p.12).

Antezana (2012) destacou os principais modelos de intervenção com homens que praticam violência, dentre eles está o modelo psicopatológico, o enfoque psicoeducativo pró-feminista, enfoque cognitivo-comportamental e o enfoque construtivista-narrativista com perspectiva de gênero.

Ramos (2013 p.44) realizou um estudo com grupo misto reunidos pelo mesmo motivo: violência contra a mulher, com todas as intervenções voltadas “percepção de si e do outro e na comunicação intraconjugal e intrafamiliar”, percebeu-se a importância de se trabalhar a violência calcada nas percepções, sentimentos e nas formas de comunicação:

Com o início do trabalho grupal, à medida que os participantes reconhecem o outro na relação, compreendem seus papéis conjugais e familiares, e se dão conta da qualidade de suas interações e começam a conversar com os (as) companheiros(as) sobre o cotidiano e sobre o que gostam e o que os irrita na relação. Segundo relatam, veem que as relações vão sofrendo mudanças e vão construindo novas formas interacionais e de convívio; e passam a aspirar pela paz e a harmonia. (Ramos, 2013 p.52)

Para Ferrari e Ribeiro (2019, p.148):

Mostra-se imperativo a implementação de um projeto de educação sexual junto aos autores de agressão que trabalhe as relações de gênero, privilegiando a escuta em um espaço onde se questione as construções da masculinidade e a reflexão dos homens sobre as próprias condutas com o objetivo de proporcionar uma reconstrução das formas de ser homem, não enquanto uma categoria natural, mas enquanto uma forma a dinâmica sujeita a reflexões e reconstruções.

Como dito antes, as intervenções não eximiam o homem agressor de suas responsabilidades mas possibilitaram a “desconstrução de masculinidades que causam sofrimento à mulher” (FERRARI E RIBEIRO, 2019, p.149).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, a partir da revisão de literatura científica permitiu compreender como a violência nos relacionamentos é interferida pelo masculino tóxico e abusivo. Pelo que foi encontrado, fica convincente a necessidade de mais trabalhos com a finalidade de colher informações junto aos homens. Acerca de relacionamentos abusivos, inclusive a necessidade de aprofundar pesquisas referentes a relacionamentos abusivos sob a ótica masculina e feminina, também é importante investigar sobre os contextos em que ocorrem as relações abusivas e contextualizações sobre os meios de saída destas relações tóxicas.

Mais do que compreender o significado de relacionamentos abusivos e como ele é visto na perspectiva dos homens, como se manifesta nos mais variados ambientes

e tipos de relações, há a necessidade de reconhecê-lo em sua pluralidade e também a partir das vivências particulares dos sujeitos.

Relacionamentos abusivos e violência, na maioria dos artigos são considerados sinônimos, porém é necessário diferenciá-los, dando a possibilidade para o entendimento dos relacionamentos abusivos como precursores da violência, para que a partir disso se possa entender as noções que os sujeitos têm do assunto, que ainda está muito vinculado ao patriarcalismo e às concepções de gênero.

Estes relacionamentos, quando colocados ao lado da violência, é percebida na perspectiva masculina como natural e intrínseca a sua constituição, ocorrendo na maioria das vezes de forma sutil, passando a ideia machista da não negação ao homem, o que é entendido por amor.

No presente trabalho destacou-se a necessidade de contextualizar as discussões em torno das relações abusivas, posicionando os elementos socioculturais, históricos e afetivos no sentido de promover leituras cada vez mais flexíveis e que convoquem diferentes públicos para a compreensão dos relacionamentos abusivos.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira *et al.* Violência contra a mulher por parceiro íntimo: (in) visibilidade do problema. *Texto & Contexto Enfermagem*, Santa Catarina. Vol. 24, núm. 1, enero-marzo, 2015, pp. 121-127.

Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/714/71438421015.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

ANTEZANA, Álvaro Ponce. Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. **Nova Perspectiva Sistêmica**, 21(42).

AYALA, Nina Alejandra Cabra. La herida masculina. **Nómadas**, Bogotá, n. 46, p. 167-181, Junho 2017. Disponível em:<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012175502017000100167&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2020.

ALVES, Sandra Lúcia Belo; DINIZ, Normélia Maria Freire. Eu digo não, ela diz sim: a violência conjugal no discurso masculino. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 58, n. 4, p. 387-392, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672005000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2020.

BARRETTO, Raquel Silva. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **GÊNERO**. Niterói. v.18. P 142- 153. 2018. Disponível em:<<http://200.20.0.39/revistagenero/article/view/31312/18401>>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes *et al.* Construção do estereótipo do “macho nordestino” nas letras de forró no Nordeste brasileiro. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. 2018, v. 22, n. 64, pp. 13-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0286>>. Acesso em: 07 maio 2020.

BRASIL. (2011). Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

CECCHETTO, Fátima *et al.* Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000400853&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2020.

DEEKE, Leila Platt *et al.* A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde soc.**, SãoPaulo, v. 18, n. 2, p. 248-258, Junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2020.

DEFENSORIA PÚBLICA GERAL DO ESTADO DO CEARÁ. **Perfil de mulheres vítima de violência doméstica que buscaram assistência**. Ceará. 2019. Disponível em:<<http://www.defensoria.ce.def.br/noticia/defensoria-publica-divulga-perfil-de-mulheres-vitima-de-violencia-domestica-que-buscaram-assistencia/>>. Acesso em: 28 de março de 2020.

ECCEL, Claudia Sirangelo; GRISCI, Carmem Lígia Iochins. Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 57-78, Mar. 2011. Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167939512011000100005&lng=en&nrm=iso>. accesson 20 Maio 2020.

ECHEBURUA, Enrique; AMOR, Pedro Javier. Hombres violentos contra lapareja: ¿tienen un trastorno mental y requieren tratamiento psicológico?. **Ter Psicol**, Santiago, v. 34, n. 1, p. 31-40, abr. 2016. Disponível em:

<https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071848082016000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2020.

FERRARI, Irene RogattiPortero Ferrari; RIBEIRO, Paulo Rennes Ribeiro. A psicologia jurídica e a intervenção com homens autores de violência contra a mulher: (re) construindo masculinidades. **Diversidade e Educação**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 129 - 153, fev. 2020. ISSN 2358-8853. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9546/7163>>. Acesso em: 26 maio 2020.

FLORES, Paula; BROWNE, Rodrigo. Jóvenes y patriarcado en lasociedad TIC: Una reflexión desde la violencia simbólica de género en redes sociales. *Rev.latinoam.cienc.soc.niñezjuv, Manizales* , v. 15, n. 1, p. 147-160, Jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692715X201700010009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2020.

FONSECA, Verceli Melina Flores. Mecanismos en la construcción del amor romántico. *La ventana, Guadalajara* , v. 6, n. 50, p. 282-305, dic. 2019 . Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362019000200282&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2020.

GOMES, Carlos Magno. A performance pós-moderna de Nélida Piñon contra o feminicídio em *Vozes do deserto*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 53, e185311, 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200503&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2020.

GOMES, Carlos Magno. Violência de gênero e a crise da masculinidade. **Rev. Fórum identidades**. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 10, Volume 21 | mai. – ago. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/about/contact>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

ILVA, Maria Arleide da; FALBO NETO, GilliatHanois; CABRAL FILHO, José Eulálio. Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 14, n. 1, p. 121-127, Mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722009000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Mar. 2020.

LIMA, Marwyla Gomes de. **Lei Maria da Penha em Natal/RN**: limites e possibilidades no combate à violência de gênero contra a Mulher. Natal, Rio Grande do Norte, 2010. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/17895/1/MarwylaGL_DISSERT.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2020.

MISTURA, Tales Furtado. **Vivência de homens autores de violência contra a mulher em Grupo Reflexivo**: memórias e significados presentes. 2015. São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-17092015-090601/pt-br.php>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

MORAIS, Lúcia Jamilly Oliveira; FILHO, Pedro de Oliveira. A compreensão de masculinidade em discursos de profissionais de unidades básicas de saúde. **Rev.**

Psicol. Saúde, Campo Grande , v. 11, n. 1, p. 155-167, abr. 2019 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 maio 2020.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 2014. Disponível em: <http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

MOURA, Leides Barroso Azevedo; CARDOSO, Renata Braz das Neves. Homens autores de violência contra parceiras íntimas: estudo com policiais militares do Distrito Federal, Brasil. **Rev. CuidArtEnfermagem**, Catanduva, v.12, n.1, p.74-80, jan-jun. Disponível em:<<http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2018v1/74.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas.2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820_ARQUIVO_Generoeopoderaconstrucaodamasculinidadeeoexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

NETO, Ivaldo; FIRMINO, Itamar; PAULINO, Pedrita Reis Vargas. A construção social do estigma em masculinidade: uma revisão de literatura. **Rev. CIENTIFICA FAGOG**. V.4. n. 1. 2019. p.60-72. Disponível em: <<https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/multidisciplinar/article/view/504>>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves; CONSTANTINO, Patricia. **Impactos da Violência na Saúde [online]**.Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, 418 p. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/7yzzrw/pdf/njaine-9788575415887.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2020.

NÚCLEO INSTITUCIONAL DE PROMOÇÃO E DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER – NUDEM. Mato Grosso do Sul. ANO 5 - 19ª Edição | Ago/Set/Out 2018. Disponível em: <<http://www.defensoria.ms.gov.br/images/conteudo/nudem/boletins/19%20edicao%20-%20agosto%20setembro%20outubro%202018.pdf>>. Acesso em: 28 de março de 2020.

OLIVEIRA, FRANCISCA MOANA, *et al.* ROMANTIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO, UMA VIOLÊNCIA SILENCIOSA: A INEFICÁCIA DA LEI MARIA DA PENHA. ANAIS do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, 2016. Disponível em: <https://flucianofejiao.com.br/novo/wpcontent/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_UMA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 3, e32323, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000300236&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2020.

PEDRO; Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. 2010. 117 Id onLine **Rev. Mult. Psic.** V.13, N. 44, p. 97-117 Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

PESSOA, Brenda Moraes. Consequência Final do Relacionamento Abusivo– O Femicídio. Âmbito Jurídico. São Paulo. V. único. Dezembro-2019. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/consequencia-final-do-relacionamento-abusivo-o-femicidio/>>. Acesso em: 25 de março de 2020.

PINTO, Mariana Gonçalves. Permanecer, abandonar ou retomar à relação abusiva: percepção de mulheres vítimas de violência conjugal. **Rev. U.** Porto, 2018. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117304/2/301983.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

RABELO, Amanda Oliveira. Contribuições dos Estudos de Gênero às Investigações que Enfocam a Masculinidade. **Exaequo**, Vila Franca de Xira, n. 21, p. 161-176, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S08745560201000010012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 maio 2020.

RAMOS, Maria Eveline Cascardo. Homens e mulheres envolvidos em violência e atendidos em grupos socioterapêuticos: união, comunicação e relação. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 39-53, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045393201300010004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2020.

ROSA, Márcia. Ser um homem segundo a tradição?. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 437-445, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 maio 2020.

SANTOS, Cabral Marinho dos Santos. O modelo predominante de masculinidade em questão. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 14, núm. 1, jan-jun, 2010, pp. 59-65. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3211/321127307006.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

SANTOS, Robério Gomes; et al. Violência contra a Mulher à Partir das Teorias de Gênero. Id on Line **Rev. Mult.Psic.** V.13, N. 44, p. 97-117, 2019. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1476/2363>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. Correlations between subjective well-being, dyadic adjustment and marital satisfaction in Brazilian married people. **Rev. The Spanish Journal of Psychology**. 2012. V.15. n1. p. 166-176. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/221878550_Correlations_between_Subjective_Well-being_Dyadic_Adjustment_and_Marital_Satisfaction_in_Brazilian_Married_People>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

SILVA, Anne Caroline Luz Grüdtner; COELHO, Elza Berger Salema; NJAINE, Kathie. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2014, v. 19, n. 04, pp. 1255-1262. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.01202013>>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, Maria Arleide; NETO, Gilliat Hanois Falbo; FILHO, José Eulálio Cabral. Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. **Psicologia em Estudo**. Maringá. v. 14, n. 1, p. 121-127, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000100015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

SIQUEIRA; Elton Bruno Soares. **A crise da masculinidade nas dramaturgias de Nelson Rodrigues, Plínio Marcos e Newton Moreno**. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7495>>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

SOUZA, Edinilsa Ramos. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Rev. Ciência & saúde Coletiva**. V.10, N. 1, p. 59-70, 2015. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2005.v10n1/59-70/#ModalArticles>>. Acesso em: 20 de maio de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Laboratório de Estudos da Violência**. Ceará. 2019. Disponível em: <<http://www.ufc.br/noticias/13975-homicidios-dolosos-caem-pela-metade-no-ce-mas-feminicidios-crescem-aponta-relatorio-com-participacao-da-ufc>>. Acesso em: 28 de março de 2020.